

O Ensino e a Aprendizagem em Química de Alunos Surdos no Ensino Médio: Um estudo de caso

Jeanne Louise Fernandes Jesus¹, Taíza Bernardes Fonseca², Maurivan Güntzel Ramos (orientador)

¹Faculdade de Química, PUCRS, ² Escola de Ensino Médio para Surdos, Porto Alegre-RS

O presente trabalho descreve resultados de uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola para alunos surdos, do Ensino Médio. Entre as principais observações destacam-se, uma diferença linguística existente entre a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a motivação dos alunos da escola para participarem de atividades práticas e uma adaptação de material didático para os alunos acompanharem as aulas de química. Verificou-se também que em LIBRAS, não existe sinais químicos oficiais. Diante dessa realidade, os alunos surdos têm um vocabulário escrito muito restrito, em virtude de a Língua Portuguesa ser a segunda língua do surdo, o processo da aprendizagem química é realizado com combinações de sinais em cada escola que utilize LIBRAS.

Introdução

Considerando que a Língua tem por base a comunicação em símbolos linguísticos, ou sinais, e que a Linguagem tem por base a fala (oralismo) ou a escrita de uma língua, o aluno surdo tem por direito ser bilíngue. Ou seja, sua educação é desenvolvida em uma aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, ou as duas línguas ao mesmo tempo (Comunicação Total), para assim ele ser um cidadão completo e apto a desenvolver qualquer competência. Por isso à esta pesquisa compete a seguinte pergunta: ***Como ocorre o ensino e a aprendizagem de Química no Ensino Médio com os alunos surdos?***

Os principais objetivos do trabalho são compreender como ocorre o ensino e a aprendizagem dos alunos surdos em aulas de Química e identificar as facilidades e/ou dificuldades em relação à aprendizagem da linguagem química. Para isso, foram observadas aulas de uma turma de segundo ano do Ensino Médio de uma escola para surdos, durante os meses de junho e julho; elaborou-se uma entrevista em vídeo com a professora de LIBRAS da escola e outra com os alunos; aplicou-se um questionário à professora regente da disciplina de química (ver item adiante, Aprendizagem Química), e outro com uma professora de fora da escola de surdos, que é deficiente auditiva e ministra LIBRAS para ouvintes no Ensino Superior.

Os dados são apresentados de modo narrativo, contribuindo para a compreensão do processo de coleta de dados e da própria análise.

O processo de aprendizagem significativa é adquirido em grupos, numa relação de troca constante entre alunos, professores, a família e a comunidade escolar. Todavia, para um

surdo aprender na escola, em função de não obter o retorno auditivo, ele adquirirá uma primeira língua, de preferência, de uma forma espontânea e natural. É aconselhável que primeiramente o aluno surdo aprenda LIBRAS e depois aprenda o português, porque assim será mais fácil para ser alfabetizado, pela educação bilíngue, ou que aprenda LIBRAS e português ao mesmo tempo, conforme a filosofia da Comunicação Total. O ambiente em que o aluno estiver inserido é que vai determinar a sua primeira língua, portanto, as condições sociais de cada família é que determinarão o que ele aprenderá primeiro. As escolas ficam com uma diversidade de alunos, muitas vezes sem o auxílio de um professor que saiba LIBRAS.

A realidade observada na escola pesquisada, é que em maioria os alunos do ensino médio foram oralizados, ou seja, aprenderam português antes de aprender LIBRAS ou treinaram leitura labial. Logo, a importância de aprender português é para o aluno se comunicar oralmente, aprender a escrever, realizar provas, concursos após adquirir a formação escolar e ingressar no mercado de trabalho; a importância de aprender LIBRAS é para o aluno ter maior rapidez e naturalidade para expressar seus sentimentos, desejos e necessidades, desenvolver a cognição, estruturar o pensamento, também interagir socialmente para possibilitar o desenvolvimento linguístico.

Considerações finais

Com as observações das aulas de química e a aplicação dos questionários, pode-se perceber que se deve ter cuidado em utilizar a Língua Portuguesa com os alunos surdos. Se somente o professor pensar em português não conseguirá fazer com que seus alunos entendam Química. O professor necessita dialogar e solucionar os problemas linguísticos com a criação de sinais que tenham associação em LIBRAS e não ao português falado, adequando o seu material de apoio com a linguagem também em LIBRAS. Cada palavra tem um sinal correspondente, sendo necessária uma combinação de sinais para se obter uma informação completa. Este mesmo cuidado foi observado ao fazer as entrevistas, visto que palavras que para os nativos do português parecem ser óbvias, para o nativo em LIBRAS ficaram difíceis de compreender seu significado. Muitas vezes o português atrapalha o entendimento dos alunos surdos pela discrepância vocabular entre as duas línguas. Por isso, a professora de Química proporciona um afastamento momentâneo do português em suas aulas para conceituar a Química; já em exercícios e em provas, ela utiliza um português adaptado, para não impor uma língua a qual eles não possuem fluência.

Na ocasião deste estudo, o ensino de Química para surdos mostrou-se ser de modo geral de fácil acesso porque os alunos e a professora têm um bom relacionamento, ambos respeitam suas línguas maternas (Libras para os alunos surdos e Português para a professora ouvinte) e assumem que é possível o ouvinte inserir-se na comunidade surda desde que se adapte às diferenças linguísticas. Notou-se também, um carinho especial que os alunos têm com a professora, visto seu esforço em aprimorar o vocabulário químico para LIBRAS no material de apoio e nas aulas. Assim, os alunos mostraram-se ser motivados a aprender química porque é importante e defendem que necessitam a todo instante de recursos visuais presentes nas aulas de química. Os alunos percebem que material didático adaptado e aulas experimentais facilitam a sua aprendizagem. A professora consegue acompanhar o seu aproveitamento apoiando-se em aulas dinâmicas e criativas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.

QUADROS, R.M & KARNOPP, L.B; **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**; Ed. Artmed Porto Alegre, 2004, 221p.

CLÁUDIO, J.P & XAVIER NETA, C.N. **O mundo surdo infantil**. FADERS-Porto Alegre, RS. Disponível em:<<http://www.portaldeaccessibilidade.rs.gov.br/uploads/1250532167OxMundoxSurdoxInfantil.pdf>>. Acesso em : Junho 2011.

CYSNEIROS FILHO, A.A.A & LEÃO,M.B.C. **Recursos educacionais e tecnológicos para o ensino de química a surdos**. UFRPE- Recife ,PE. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/abrapec/viempec/viempec/CR2/p124.pdf>>. Acesso em: Maio 2011.